

Editorial:

Reflexões e práticas do cinema na história

Editorial:

Reflections and practices of cinema in history

Andréa França

Editora da Revista Alceu.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Alexandre Carauta

Editor da Revista Alceu.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

A **Alceu 54** encerra 2024 com artigos que se debruçam sobre as práticas e os pensamentos do cinema ao longo da história de modo a propor um recorte original para análise estética de diferentes conjuntos de filmes.

No artigo de abertura, **Tempo passado, imagem presente: A recorrência do plano-tableau em filmes brasileiros de reconstituição histórica**, Luiz Carlos Oliveira Junior investiga como o tal plano cinematográfico – próximo a uma pintura – é explorado em filmes dedicados a recomposições históricas nacionais. São examinadas sequências, por exemplo, de *São Paulo, sinfonia da metrópole* (1929), de Rodolpho Rex Lustig e

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.452>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 54, p.1-5, set./dez. 2024

Adalberto Kemeny; *O descobrimento do Brasil* (1937), de Humberto Mauro; *Anchieta, José do Brasil* (1977), de Paulo César Saraceni; *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, e *Carlota Joaquina* (1995), de Carla Camurati. O autor parte da premissa de que o plano-*tableau* constitui um dispositivo de representação em primeiro plano, em vez de disfarçá-lo na transparência mimética; e assim aproxima a imagem de um discurso reflexivo sobre a história brasileira, problematizando narrativas oficiais.

Mateus Araújo e Luís Flores transitam por interseções semelhantes. Em **Buscando os nexos da História: Visadas transnacionais no cinema político moderno (1967-1970)**, eles analisam seis filmes a partir das redes de solidariedade com as lutas de esquerda pelo mundo, que fundamentam o debate sobre conexões políticas entre países com realidades históricas distintas. O percurso analítico reúne os curtas *Câmera-olho* (Godard, França, 1967), *Os jornais deles* (H. Farocki, RFA, 1967), *Fogo inextinguível* (H. Farocki, RFA, 1969) e *Lenin vivo* (Joaquin Jordà e Gianni Toti, Itália, 1970) e os longas *Der Leone have sept cabeças* (Glauber Rocha, Congo-Brazzaville/França/Itália, 1970) e *Petit à Petit* (Jean Rouch, Niger / França, 1970).

Aline Sanches e Rodrigo Gontijo também entrelaçam dimensões políticas e cinematográficas, porém por meio da literatura. **1976: As aventuras de Alice pelo cinema latino-americano** ilumina o potencial inspirador de *Alice no país das Maravilhas*, cujas variadas releituras atizam a criatividade tanto no território da imagem quanto no da linguagem. O clássico de Lewis Carroll, ressaltam Sanches e Gontijo, desdobra-se numa ferramenta criativa de contestação, ao entrelaçar enigmas, trocadilhos, paradoxos. O nonsense torna-se um potente instrumento de críticas a regimes totalitários, como se observa nos filmes experimentais avaliados pelos autores sob a lente da filosofia de Deleuze.

A incursão no cinema político segue em **A montagem crítica em Jonathan Perel**. O artigo de Patrícia Cunegundes Guimarães se debruça sobre *Toponímia* (2016), no qual o argentino Jonathan Perel costura temas como memória, ditadura, violência estatal e, em especial, o papel do espaço como portador de trauma histórico. O cineasta expõe quatro vilas na província de Tucumán construídas como uma estratégia para conter os insurgentes. As tomadas longas das paisagens sem presença humana indicam a repressão contra os trabalhadores e o envolvimento dos militares na formação desses espaços. A ausência de um narrador acentua o confronto dos espectadores com a paisagem como monumento, numa espécie de contramemória.

Os dois artigos seguintes trazem uma autorreflexão inovadora sobre produção de conhecimento a partir da pesquisa e da prática de realização de filmes com materiais de arquivo. Em **Um olhar feminino sobre os filmes amadores de viagem**, Maria Ganem Muller apresenta o processo de criação e montagem do seu ensaio audiovisual *Tabu, propriedade privada* (2018). O estudo gravita em torno dos processos de criação e de montagem, estruturados com imagens de viagem pela Polinésia Francesa nos anos 1960. Ao analisar a produção audiovisual do título, a autora destrincha especificidades desse tipo de filme.

O diálogo entre passado e presente mediado pelo cinema manifesta-se, de maneira igualmente reflexiva, no ensaio **Narrativas visuais e arquivos silenciados: novos olhares a partir da Oficina de Produção Audiovisual**. Ao analisarem curtas-metragens desenvolvidos nas Oficinas de Produção Audiovisual do FGV CPDOC, em que atuam como coordenadora e pesquisadora, respectivamente, Thais Blank e Priscila Rodrigues Bittencourt discutem dinâmicas de apropriação e ressignificação de arquivos de mulheres, imprimindo novas camadas de sentido às imagens. Ativas há cerca de dez anos, tais oficinas incentivam a criação de curtas a partir do acervo do CPDOC, um dos mais vastos do país.

Há ainda estudos que partem de uma ideia de contra-arquivo para promover outras imagens e discursos sobre territórios afetados pelos impactos da violência e do extrativismo ambiental. A produção de memória por meio das imagens articula-se à cidadania em **Se Benze que Dá: direito à cidade e o bem-querer das imagens na Favela da Maré (RJ)**. Fernando Gonçalves e Fábio Gama Soares Evangelista debatem as confluências entre o bloco carnavalesco Se Benze que Dá, na Favela da Maré, no Rio de Janeiro; o direito à cidade; e a documentação fotográfica produzida por integrantes do bloco. Gonçalves e Soares identificam um protagonismo fotográfico na visibilidade de lutas comunitárias e na construção de contra-arquivos, de narrativas e imaginários alinhados às potências da favela e aos sentimentos de pertencimento e solidariedade. Os pensamentos de Nicholas Mirzoeff, João Ripper, Ariela Azoulay e Tina Campt conduzem a discussão sobre a contribuição da fotografia ao exercício da cidadania e à autorrepresentação.

E a conjugação entre arte, cultura e ativismo político ganha contorno ambiental em **As videoperformances de Luciana Magno: territórios sensíveis entre corpo e natureza**. Elianne Ivo Barroso e Maria Gabriela Capper articulam quatro obras da artista paraense – *Transamazônica* (2014), *Belterra* (2014), *Figueira selvagem* (2014) e *Serra Pelada* – à perspectiva da mundivivência, que destaca a influência dos contextos geográfico e sociocultural nas experiências construídas. Luciana combina fotografia, vídeo e

performance para compor uma cartografia crítica dos processos predatórios e colonizadores na Região Amazônica.

A edição se completa com a entrevista da diretora do Centro de Estudos da América Latina e professora de Antropologia na Universidade do Arizona **Marcela Vásquez-León**, professora visitante no PPGCOM da PUC-Rio, às pesquisadoras do Programa Raquel Galdino e Luana Vicentina. Em **Etnografia visual, uma ponte entre ciência e transformação social**, a antropóloga ambiental colombiana, que já realizou diversos documentários em parceria com cooperativas de pequenos agricultores no Brasil e no Paraguai e com comunidades pesqueiras no Golfo da Califórnia (México), reafirma a importância política e ética do filme etnográfico nas metodologias e práticas de pesquisa de campo com comunidades marginalizadas, invisibilizadas e/ou estereotipadas pelas sociedades e pela mídia mainstream.

Fechamos o ano com dois convites: o primeiro é a chamada de trabalhos para o dossiê **O mundo (re)visto: estéticas geopolíticas em um cinema policêntrico**, que terá como editores convidados os professores Lúcia Ramos Monteiro (Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense, UFF), Marcelo R.S. Ribeiro (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, UFBA) e Pablo Gonçalo (Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, UnB). Os organizadores estimulam artigos e reflexões que contemplem cinematografias policêntricas, novas possibilidades epistemológicas e visadas transnacionais, regionais e multilocais, no sentido de uma revisão crítica das formas como os mundos repercutem em análises fílmicas ou teorias descentralizadas, alternativas a uma perspectiva eurocêntrica de mundos cinematográficos. **Confira a chamada de trabalhos para o dossiê:**

<https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/announcement/view/5>

O segundo convite é para que conheça a **nova página de abertura do site da Revista Alceu**, reformulada pela nossa assistente editorial e responsável técnica, professora Cristina Matos, para apresentar com o dinamismo que merece a produção acadêmica de excelência que tem sido a marca da revista.

<https://revistaalceu.com.puc-rio.br/>

Boas leituras!

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.452>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 54, p.1-5, set./dez. 2024

Andréa França

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3292-7524>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Doutora em Comunicação pela UFRJ

Alexandre Carauta

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3607-8710>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Doutor em Comunicação pela PUC-Rio

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.